



Originais e redesenhos em análise: as versões não construídas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer do Pavilhão de Nova Iorque

Original and redesigns analysis: unbuilt versions of Lucio Costa and Oscar Niemeyer Pavilion New York

Anna Paula Canez*, Alex Carvalho Brino**, Marcos Almeida***
Colaborador: Acadêmico Telmo Adams

*Graduada em Arquitetura – UFRGS (1988). Realizou mestrado (1996) e doutorado (2006) – PROPAR/UFRGS. É Professora Titular do UniRitter, onde atua desde 1990, líder do Grupo de pesquisa “Lucio Costa: Obra Completa” e Coordenadora do Mestrado Associado em Arquitetura e Urbanismo UniRitter/Mackenzie. É autora dos livros; Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre; Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole e coautora de; Acervos Azevedo Moura & Gertum e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre; Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre e Composição, partido e programa: uma revisão crítica de conceitos em mutação. Em 2007 coordenou a edição fac-similar do livro Lucio Costa: sobre arquitetura, organizado por Alberto Xavier.

**Graduado em Arquitetura - UFRGS (1999). Realizou mestrado (2005) – PROPAR/UFRGS. Professor Univates e Unisc. Pesquisador do grupo “Lucio Costa: Obra Completa”, atuando em pesquisa principalmente nos seguintes temas: Arquitetura Moderna, Superquadras, Le Corbusier e Lucio Costa. Arquiteto na empresa ODEBRINO, tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projetos da Edificação.

***Graduado em Arquitetura – UFRGS (1997). Realizou mestrado na área de Teoria, História e Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAR - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Pesquisador do grupo “Lucio Costa: Obra Completa”. É Professor titular da UniRitter, atuando na graduação e na pós-graduação.

Resumo

Recentemente a Casa de Lucio Costa disponibilizou os originais das versões não construídas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer para o Pavilhão do Brasil, na Feira de 1939, em Nova Iorque. Os preciosos e, até então, não divulgados registros foram digitalizados no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, Instituição sede da pesquisa intitulada “Lucio Costa: Obra Completa”, a pedido da arquiteta Maria Elisa Costa, dirigente da Casa de Lucio Costa - responsável por grande parte do acervo do arquiteto. Analisamos, neste trabalho, a versão de Oscar Niemeyer do Pavilhão a partir dos documentos que tivemos oportunidade de manusear e que apresentamos aqui e, principalmente, a versão de Lucio Costa, cuja análise foi complementada pelo redesenho com utilização de tecnologias atuais e modelagem em computação gráfica.

Palavras-chave: Lucio Costa, redesenho, Pavilhão do Brasil, Oscar Niemeyer, Nova Iorque

Abstract

Recently the House of Lucio Costa provided the original versions of unbuilt Lucio Costa and Oscar Niemeyer for Brazil Pavilion at Expo 1939, in New York. The precious and until then undisclosed records were digitized at the Laboratory of History and Theory of Architecture UniRitter, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, the institution responsible for research entitled “Lucio Costa: Complete Works” at the request of architect Elisa Maria Costa, head of Casa Lucio Costa - responsible for a large part of the collection of the architect. Analyzed in this work, the version of the Oscar Niemeyer Pavilion from the documents that we had the opportunity to handle and we present here, and especially the version of Lucio Costa, whose analysis was complemented by redesign using current technologies in computing and modeling graphic.

Keywords: Lucio Costa, redesign, Pavilion of Brazil, Oscar Niemeyer, New York

Originais e redesenhos em análise: as versões não construídas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer do Pavilhão de Nova Iorque¹

1. A pesquisa em andamento “Lucio Costa: Obra Completa”

Desnecessário arrolar a lista preliminar de projetos e obras desenvolvidas por Lucio Costa, formada por mais de 100 realizações, para percebermos, mesmo com o interesse, o conhecimento ampliado, que possuímos, a respeito daquele que foi o mentor da Arquitetura Moderna Brasileira, sendo que boa parte da sua produção ainda é, para nós, desconhecida. O total, mesmo que ainda incerto, já é revelador de que provavelmente nada ou pouco conhecemos de um número substancial de arquiteturas de Lucio Costa, e é assustador também pensar que, grosso modo, podemos citar não mais que, quem sabe, umas trinta, quarenta obras, que já vimos publicadas. Quantas dessas tantas obras arquitetônicas e urbanísticas realmente sabemos onde se localizam, visitamos ou estudamos com atenção os seus desenhos e documentos? Quantas estão realmente documentadas, com desenhos arquitetônicos completos (plantas, cortes, fachadas, perspectivas), e à nossa disposição? Mesmo as

poucas publicadas estão dispersas, não reunidas em um mesmo volume para que possamos traçar as inter-relações tão necessárias quando é meta uma análise arquitetônica mais apurada. Configura-se a oportunidade de disponibilizar, inicialmente de forma on-line, através do repositório digital “Dspace”, todo o material produzido pela equipe de pesquisa, com possibilidade de gerar, no futuro, uma publicação também em papel, no formato de um catálogo raisonné ou guia de referência.

Um dos objetivos específicos da pesquisa maior é o redesenho digital de cada um dos projetos arquitetônicos e urbanísticos de Lucio Costa (construídos ou não), visando à disponibilização em base de dados específica, passível de consulta pela internet, e que reúna o trabalho produzido pela equipe na medida do seu desenvolvimento, incluindo (quando obra construída e existente) visita ao local e amplo levantamento fotográfico.

1.O artigo “Originais e redesenhos em análise: as versões não construídas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer do Pavilhão de Nova Iorque”, de autoria de CANEZ, Anna Paula; BRINO, Alex Carvalho e ALMEIDA, Marcos Leite foi originariamente apresentado e publicado nos anais do seminário, Palcos da Arquitetura, Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2012. p. 259-268, embora tenham sido acrescentadas aqui várias figuras.

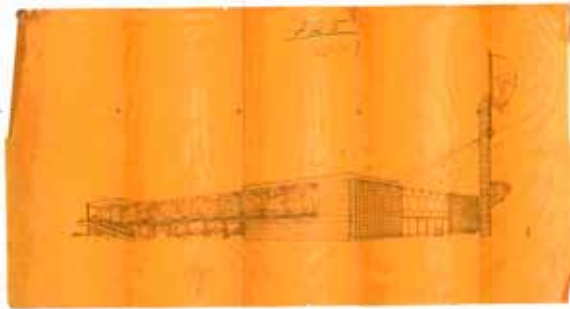


Figura 1. Versão vencedora do concurso e não construída de Lucio Costa para o Pavilhão do Brasil na Feira de 1939 em Nova Iorque. Original escaneado no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter em 2009. Fonte: Maria Elisa Costa, acervo da Casa de Lucio Costa. Perspectiva Geral

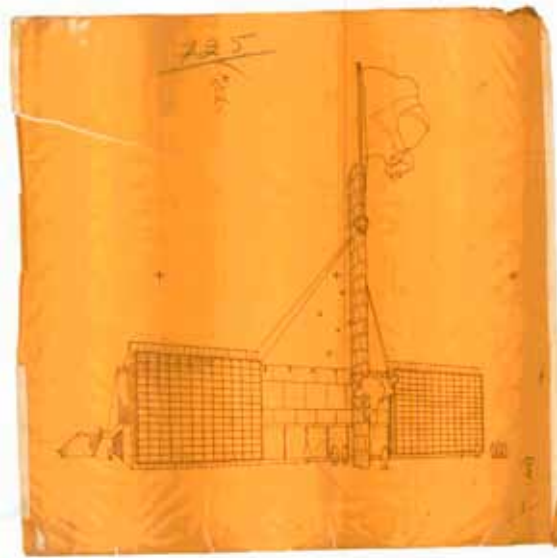


Figura 2. Versão vencedora do concurso e não construída de Lucio Costa para o Pavilhão do Brasil na Feira de 1939 em Nova Iorque. Original escaneado no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter em 2009. Fonte: Maria Elisa Costa, acervo da Casa de Lucio Costa. Perspectiva do acesso principal.

Conforme atesta Danilo Macedo,

[...] a documentação pode ser usada como ferramenta de preservação da memória: a possibilidade de reconstrução figurativa em desenho, maquetes ou tecnologia computacional, trazendo à tona a forma verdadeira poupando a matéria original e sua história. (MACEDO, 2008)

A concretização dos desenhos envolve também extensa consulta em documentos, localizados, principalmente, na Casa de Lucio Costa e em arquivos particulares ou públicos, somados à revisão do divulgado na bibliografia disponível.

Recentemente a Casa de Lucio Costa disponibilizou os originais das versões não construídas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer para o Pavilhão do Brasil na Feira de 1939, em Nova Iorque. Os preciosos e, até então, não divulgados registros foram digitalizados no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter, em Porto Alegre, Instituição sede da pesquisa intitulada “Lucio Costa: Obra Completa”, a pedido da arquiteta Maria Elisa Costa, dirigente da associação Casa de Lucio Costa - responsável por grande parte do acervo do arquiteto (Figuras 1, 2 e 3).

Analisamos neste trabalho a versão de Oscar Niemeyer do Pavilhão a partir dos documentos que tivemos oportunidade de manusear e que apresentamos aqui e, principalmente, a versão de Lucio Costa, cuja análise foi complementada



Figura 3. Versão vencedora do concurso e não construída de Lucio Costa para o Pavilhão do Brasil na Feira de 1939 em Nova Iorque. Original escaneado no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter em 2009. Fonte: Maria Elisa Costa, acervo da Casa de Lucio Costa. Croquis.

pelo redesenho com utilização de tecnologias atuais e modelagem em computação gráfica.

2. Precedentes do Pavilhão de Nova Iorque

A escolha por esta obra como objeto de nosso estudo se justifica se levamos em consideração que, na década de trinta do século passado, três acontecimentos marcantes, cujo protagonista foi Lucio Costa, alcançaram repercussões interna-

cionais e modificaram a história da arquitetura no Brasil: o texto de Lucio Costa intitulado Razões da Nova Arquitetura, e os projetos de que participou do Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP) e do Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York.

Em 1936, Lucio Costa escreve Razões da Nova Arquitetura, em que reflete sobre o período de transição entre a arquitetura realizada até então e àquela, chamada por ele de Nova Arquitetura, e expõe os princípios que passam a ser entendidos como delineadores da Arquitetura Moderna. No mesmo ano, quando da concretização do projeto do MESP, elaborado pela equipe liderada por Lucio Costa, ocorre uma primeira manifestação de uma arquitetura de renovação, em escala institucional e com o aval do Estado.

A característica de exceção na implantação do edifício em relação ao seu entorno, aliada à linguagem industrializada dos brises ao norte e a pele de vidro ao sul, reforçada ainda pela planta livre elevada sobre pilotis, deram ao movimento que se iniciava a afirmação necessária para sua consolidação. Em 1938, no concurso ocorrido para o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York, Lucio Costa foi o vencedor, porém a versão construída se deu, por decisão de Costa, a partir de um projeto realizado em parceria com Oscar Niemeyer. Para surpresa da comissão julgadora, Costa renuncia e propõe um projeto em sociedade com Oscar Niemeyer, classificado em segundo lugar.

3. O Pavilhão na versão Lucio Costa

A versão vencedora e ainda pouco conhecida de Lucio Costa possui uma série de características que se alinham com os preceitos da Nova Arquitetura anteriormente manifestos no MESP, como, por exemplo, a associação da arquitetura com as artes e a estrutura independente que libera a fachada para a utilização de painéis murais que apresentam os produtos brasileiros, como, entre outros, o ouro, o açúcar e o café, embora utilize estratégias compositivas que retomam pressupostos acadêmicos, como a simetria axial no eixo longitudinal. Os pilotis liberam o solo e conferem permeabilidade para o pátio interno que contém outras obras de arte e uma vegetação que caracteriza o país. As proximidades entre essa proposta e a produção da década de trinta, não construída de Lucio Costa, são grandes, estabelecendo afinidades entre seus escritos e projetos do período (Figura 4, 5 e 6).

Constituído por dois volumes principais, o primeiro destinado à entrada, e o segundo, ao auditório, eles são interligados por duas barras elevadas sobre pilotis que definem o pátio interno do conjunto. Com materialidade diferenciada, cada parte desse projeto identifica seu grupamento funcional de modo claro.

O edifício dialoga com seu entorno através de um espaço de transição generoso localizado entre o espaço de circulação pública, denominado



Figura 4. Versão vencedora do concurso e não construída de Lucio Costa para o Pavilhão do Brasil na Feira de 1939 em Nova Iorque. Original escaneado no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter em 2009. Fonte: Maria Elisa Costa, acervo da Casa de Lucio Costa. Perspectiva do pátio



Figuras 5 (acima esq.) e 6 (acima dir.). Modelagem em computação gráfica realizada pelo acadêmico Telmo Adams e orientada pelo Prof. Alex Brino. Fonte: Grupo de Pesquisa: "Lucio Costa: Obra Completa" - dspace.uniritter.edu.br. Perspectivas.



Rainbow Avenue (Rua 4, rua de maior calibre), e o interior do prédio. Nesse espaço ocorre, por dois aspectos, uma segunda transição importante: primeiro a configuração de um espaço aberto coberto que se materializa através de uma laje inclinada apoiada no volume de entrada e no mastro que sustenta a bandeira do Brasil; segundo, a hierarquia gerada pelo apoio desta bandeira (Figuras 7 e 8).

Embora o material gráfico desta primeira versão não indique o entorno imediato, pode-se concluir com base no material disponível da versão construída que o terreno disponibilizado para o pavilhão era um terreno com seus limites irregulares e testados com hierarquias distintas. Desse modo, compreende-se a atitude de Lucio Costa em promover a alteração da proposta original, pois a simetria axial presente nessa versão, pouco reconhecia as

características do local, tal como as irregularidades do terreno e as hierarquias mencionadas anteriormente, valorizando em demasia a testada voltada para a Rainbow Avenue (Rua 4) e minimizando a testada voltada para o pavilhão Francês.

A elevação do prédio sobre pilotis é uma característica marcante no movimento moderno que compreende o solo como espaço público. A possibilidade de ir e vir é uma prerrogativa fundamental nesse conceito de cidade e de arquitetura. Assim, a possibilidade de continuidade espacial e visual com o entorno imediato justifica a elevação total de ambos os lados do pavilhão.

Observa-se que os espaços internos são constituídos por funções distintas, sendo que o volume frontal abriga a entrada de pé direito duplo. Lucio Costa cria dessa forma um espaço de che-



Figuras 7 (em cima) e 8 (embaixo). Modelagem em computação gráfica realizada pelo acadêmico Telmo Adams e orientada pelo Prof. Alex Brino. Fonte: Grupo de Pesquisa: “Lucio Costa: Obra Completa” - dspace.uniritter.edu.br. Perspectivas.

2. Tal imagem lembra a escultura instalada no terraço do andar do ministro no MESP, atual Palácio Capanema, intitulada *Mulher Sentada*, de Adriana Janacopulus.

3. Celso Antônio produziu três esculturas: a *Mulher Reclinada*, colocada no terraço-jardim do ministro; a *Mãe*, sobre a escada helicoidal do salão de exposições e *Mulher de Cócoras*, também chamada de *A Índia*, situada no escritório do presidente do IPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade.

gada com uma escala monumental, conforme se constata principalmente no corte e em algumas perspectivas. Também é prevista uma escultura de um homem sentado² com aproximadamente um pavimento de altura, ou seja, a escala é generosa, mas proporcional ao espaço na qual se insere. Os volumes laterais, que envolvem este de entrada, contêm os espaços expositivos no segundo pavimento. O térreo apresenta pilotis. Na intersecção desses espaços expositivos com o volume de entrada, encontram-se as circulações verticais. No lado oposto do conjunto, percebe-se o volume do auditório, embora o pavimento térreo do mesmo volume abrigue o espaço do restaurante, e o segundo pavimento, o programa do auditório propriamente dito. Conectando o espaço expositivo ao auditório, assim como os pilotis ao restaurante, encontra-se, ao rés do chão, o espaço destinado ao café.

As similaridades de tal proposta com o projeto do Ministério que estava sendo construído no Rio de Janeiro são várias, não se restringem apenas à escultura anteriormente citada, pois a *Mulher Reclinada*³, bem como o *Prometeu* e o *Homem Sentado*, esculturas atualmente instaladas no MESP também aparecem nessas fachadas e perspectivas. Mas, sobretudo, a similitude do auditório tanto em sua volumetria, quanto em sua solução de acoplagem estrutural são muito grandes. O próprio acesso desse auditório feito através do espaço expositivo, o qual se encontra elevado sobre pilotis, ecoa da solução utilizada no Ministério.

A fachada, associada ao acesso principal, possui como elemento de controle solar dois conjuntos de brises em grelha, voltados para a direção sudoeste, orientação mais castigada, em se tratando de um prédio situado no hemisfério norte. As faces leste e oeste, voltadas para o exterior do conjunto, possuem painéis com motivos da produção nacional, portanto cegas; já as faces voltadas para o pátio interno apresentam painéis pivotantes verticais, compostos como muxarabis.

4. O Pavilhão na versão Oscar Niemeyer

O projeto de Oscar Niemeyer, que obteve no concurso o segundo lugar, possui uma implantação de certo modo similar à proposta de Lucio Costa, pois ambos tratam a esquina noroeste com um grande recuo. No caso do projeto realizado por Niemeyer, esse resguardo é significativo a ponto de permitir a instalação do auditório à frente do conjunto e apenas o mastro com a bandeira do país ocupam a frente do lote, junto ao alinhamento sul.

O volume principal é composto por duas barras de tamanhos distintos, interligadas na região frontal por uma delicada casca de concreto que unifica esses volumes, gerando uma grande subtração de pé direito duplo, com uma escala monumental. Ao fundo desse grande átrio, existe um plano envidraçado que estabelece uma delimitação espacial, sem com isso gerar um impedimento visual. A esquina do quadrante nordeste, em função da assimetria das barras laterais, possui um recesso que estabelece

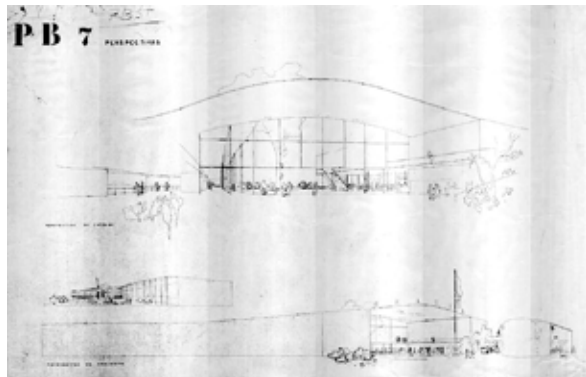
uma conexão entre o pátio interno do conjunto e o seu entorno imediato. A sinuosidade da barra suavemente torcida, localizada a oeste, se deve ao fato de o edifício buscar uma relação com os próprios limites do terreno. Ainda em função da assimetria entre as duas barras, a de maior tamanho possui sua face oeste totalmente opaca; em contrapartida, a face oposta se apresenta totalmente envidraçada e destituída de elementos de proteção dessas superfícies acristaladas.

A presença de esculturas no interior do projeto se dá em ambas as propostas – esculturas que remetem à lembrança da Mulher Reclinada figuram também nas perspectivas de Niemeyer.

5. O Redesenho da versão de Lucio

Embora nada possa substituir a sensação de escala advinda do percorrer uma obra de arquitetura como bem nos chamou a atenção Lucio Costa ao relatar a experiência vivida por sua filha Maria Elisa,

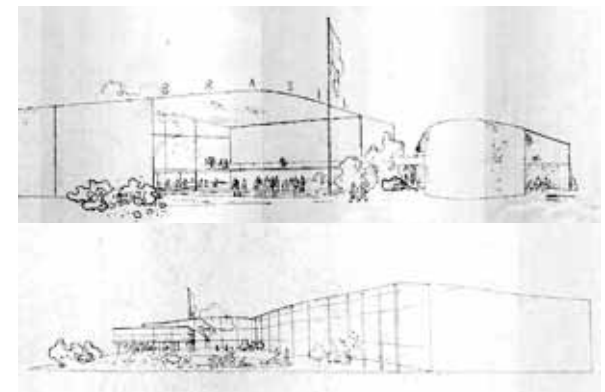
Atenas, Acrópole: no último piso do embasamento escalonado, minha filha, encostando-se à coluna, sentiu que a concavidade da canelura do fuste – que eram simples riscos nos desenhos da aula de Arquitetura Analítica – ajustava-se às suas costas; aí “sentiu” o tamanho da coluna que subia para receber os enormes blocos da arquitrave, - e o Parthenon então surgiu para ela, do fundo do tempo (25 séculos!), na sua verdadeira grandeza. (COSTA, 1995, p. 118)



Figuras 9 (acima),...

A integração do espaço aberto com a edificação ocorre de modo intenso, pois todas as faces do interior do prédio são transparentes e permitem tal continuidade. A estrutura esbelta dos pilares, assim como a sutileza da casca, que se apoia nas barras laterais, que absorvem o esforço horizontal da mesma, contribuem para a sensação de continuidade espacial entre o interior do prédio e o espaço aberto adjacente (Figura 9, 10 e 11).

... 10 (à direita em cima) e 11 (à direita embaixo). Perspectivas do projeto original de Oscar Niemeyer. Cópia heliográfica escaneada no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura da UniRitter em 2009. Fonte: Maria Elisa Costa, acervo da Casa de Lucio Costa.



Também é verdade que as possibilidades didáticas das experiências de reconstrução em computação gráfica apresentam um potencial especulativo ilimitado. Considerando ainda que o Pavilhão do Brasil não mais existe, pois foi realizado como construção efêmera, fadada a ser demolida depois de passada a Feira, como de fato ocorreu, os recursos gráficos utilizados para a sua reconstrução se explicam ainda mais.

O processo de redesenho é composto por um trabalho que envolve idas e vindas, um processo quase tão devotado quanto o que ocorre ao longo do próprio projeto. Tal trabalho exige uma interpretação constante, e o resultado é muito mais do que a mera cópia da digitalização de originais. Assim como tem ocorrido ao longo do processo de redesenho dos demais projetos e obras de Lucio Costa no desenrolar da pesquisa maior em andamento, no redesenho do Pavilhão do Brasil, foram ou estão sendo realizados cruzamentos entre os desenhos técnicos contidos nos originais - plantas, cortes, fachadas e perspectivas (nem sempre completos), bem como, foram consultados os escritos de Lucio Costa e de outros pesquisadores a respeito do projeto em estudo, com o intuito de recolher subsídios para decifrar escala, dimensões e outras informações, por ventura, faltantes.

A necessidade de compreender para representar exige o domínio do objeto que se deseja desenhar. Quando há a possibilidade de fazer um

registro fotográfico da obra, e a mesma não sofreu significativas alterações, o processo de redesenho é mais tranquilo, mas normalmente as alterações ou descaracterizações cometidas ao longo do tempo são frequentes e, nesses casos, as fotografias, quando existentes, realizadas antes das modificações, tornam-se facilitadoras da compreensão necessária.

No caso específico da versão de Costa para o Pavilhão, isso não ocorreu, pois esta não foi a construída, e, portanto, não existem fotografias, embora seu redesenho tenha apresentado outras dificuldades, como o fato de não possuir um projeto mais desenvolvido, fator que amplia a dificuldade do redesenho e, por consequência, amplia também o prazo de realização do mesmo. De qualquer forma, nessa situação, e, no conjunto dos projetos e obras redeseenhadas, procurou-se seguir um mesmo princípio de elaboração ao longo do processo. No conjunto das obras até agora redeseenhadas, garantiu-se com essa estratégia uma homogeneidade desejada de resultados.

Um processo complexo, por vezes, requerente de investimento de certo tempo é identificar a escala, mesmo que eventualmente o original esteja em escala discriminada ou possua escala gráfica. Isso se deve ao grau de precisão e a possibilidade de ampliação que o meio digital permite. Em tais situações, tem-se optado por trabalhar com as maiores dimensões do desenho para minimizar qualquer possibilidade de divergências.

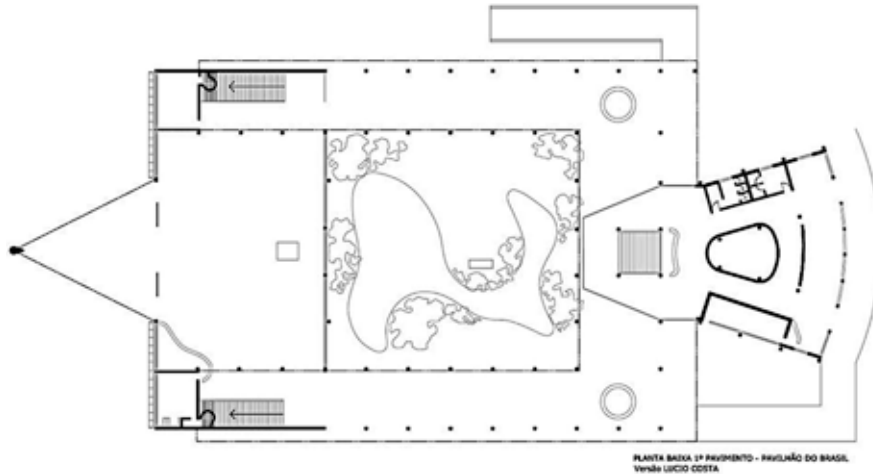


Figura 12. Redesenho realizado pelo acadêmico Telmo Adams e orientado pelo Prof. Alex Brino. Fonte: Grupo de Pesquisa: “Lucio Costa: Obra Completa” - dspace.uniritter.edu.br. Planta baixa do pavimento térreo.

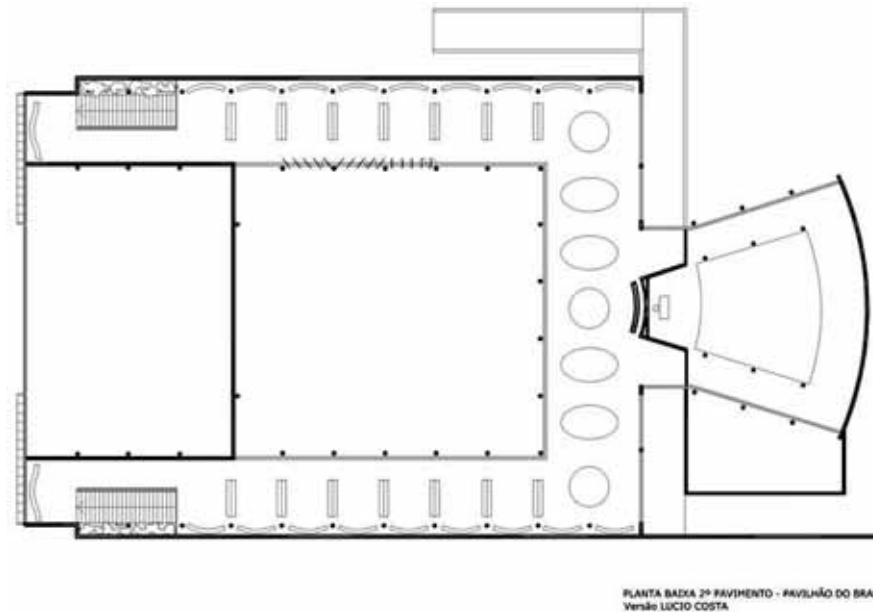
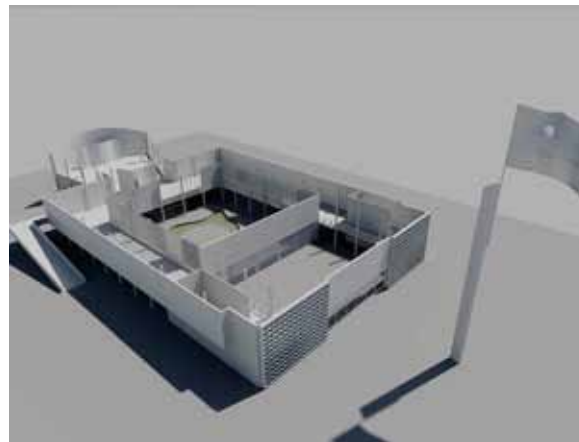


Figura 13. Redesenho realizado pelo acadêmico Telmo Adams e orientado pelo Prof. Alex Brino. Fonte: Grupo de Pesquisa: “Lucio Costa: Obra Completa” - dspace.uniritter.edu.br. Planta baixa do 2º pavimento.

A construção do desenho propriamente dito tem início com o domínio dimensional do projeto, ou seja, identificar a modulação utilizada ou o sistema que padroniza as medidas espaciais. Mesmo quando o desenho é cotado, as diferenças entre a precisão da geometria do original e o redesenho podem por em cheque o trabalho. Seguidamente, é necessária a revisão dos princípios, e é essa revisão que possibilita o crescente entendimento da obra e a compreensão das estratégias geradoras, dos alinhamentos e das proporções ali contidas.

No caso específico da primeira versão do pavilhão, Lucio Costa se utiliza de uma modulação no eixo longitudinal de 4,5 metros e no sentido oposto de 5,1 metros no volume principal; além disso, também se percebeu que a composição possui uma simetria no sentido longitudinal. Por sua vez, a envoltória externa possui seção áurea, assim como o hall de entrada. Essas são algumas das percepções que resultam de um redesenho cuidadoso e pormenorizado. Apreendemos com o redesenho (Figuras 12, 13, 14 e 15).

Figuras 14 (em cima) e 15 (embaixo). Modelagem em computação gráfica realizada pelo acadêmico Telmo Adams e orientada pelo Prof. Alex Brino. Fonte: Grupo de Pesquisa: “Lucio Costa: Obra Completa” - dspace.uniritter.edu.br. Perspectivas explodidas.



6. Considerações Finais

Até o momento, os resultados obtidos com o exercício de análise comparativa das versões de Lucio Costa e Oscar Niemeyer do Pavilhão Brasileiro da Feira de 1939, em Nova Iorque, apoiados na observação dos desenhos arquitetônicos digitalizados dos originais disponibilizados pela Casa de Lucio Costa, mas, sobretudo, com auxílio do exercício de redesenho elaborado pelo grupo de pesquisa, apontam para um acerto de método que permite quase uma interação daquele que redesenha com aquele que fez, capaz de descobrir ou revelar o processo de projeto, tornando o redeseñador um partícipe dos procedimentos projetuais do autor do projeto. Ganha a análise arquitetônica que se torna ou pode vir a se tornar mais rica com o redesenho.

Referências Bibliográficas

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CANEZ, Anna Paula. Lucio Costa: obra completa (parte 1), documentação e reflexão. **In: Lucio Costa Arquiteto: seminário**. Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2011. (2011), p. 207-218.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia: 1936-45**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura): Université de Paris VIII, Paris, 2002. CD-ROM.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FISCHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

GUERRA, Abílio da Silva Neto. **Lucio Costa - modernidade e tradição: Montagem discursiva da Arquitetura Moderna Brasileira**. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

GUIMARÃES, Cêça de. **Lucio Costa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LEONÍDIO, Otávio. **Carradas de Razões: Lucio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira**. Rio de Janeiro: PUC-RJ: Loyola, 2007.

MACEDO, Danilo Matoso. Documentação e patrimônio edificado recente. **In: I Seminário Latino-Americano Arquitetura e Documentação**. Belo Horizonte, set. de 2008.

MACEDO, Oígres Lêici Cordeiro de. **Construção diplomática, missão arquitetônica: os pavilhões do Brasil nas feiras internacionais de Saint Louis (1904) e Nova York (1939)**. 2012. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20062012-155123/>>. Acesso em: 2012-09-10.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Amsterdam: Meulenhoff & CONV, 1956.

NOBRE, Ana Luiza et al. **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PESSÔA, José. (Org.). **Lucio Costa: Documentos de trabalho**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999. v. 1. 328 p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, Maria Angélica da. **As formas e as palavras na obra de Lucio Costa**. 1991. Dissertação (Mestrado em História): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991. Mimeo

XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2007.

WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

